

Editorial 149 - A Inflação no 1º Trimestre de 2026

Por: Talaia Ferreira

Observe-se o gráfico 1.

A inflação mensal em 2024 começa por ser elevada e crescente, passando de 2,49%, em Janeiro, para 2,61%, em Abril. A partir desse ponto, assiste-se a uma queda marcada da inflação mensal, que em Julho de 2024 atinge o nível de Julho de 2023 e, de seguida, se mantém estável em cerca de 1,6% com ligeira subida em Dezembro para 1,7%. No começo de 2025, a linha volta a cair quase continuamente (observe-se a quase coincidência dos valores mensais com a tendência) de 1,67% para 0,95%. A anomalia de Julho ficou a dever-se ao efeito da subida do gasóleo (na subida de Março de 24 uma variação do mesmo valor absoluto não produzia qualquer efeito), que teve um efeito apenas nesse mês, regressando imediatamente à trajectória descendente que se vinha verificando.

A inflação mensal em 2026, decresce para cerca de 0,6 (a média do 1.º trimestre de é 0,58%), o que representa um valor anualizado de 7,2%, uma das mais baixas de sempre, e que, a verificar-se, se situaria 6.5 p.p. abaixo da estimativa do OGE26. No 2.º Trimestre a média da inflação mensal é de 0,54%, o que corresponde a uma taxa anualizada de 6,7%, ou seja, mantendo-se estas condições, a inflação anual em 2026 poderá situar-se entre 6% e 7%.

Este valor, que corresponde ao objectivo de 1 dígito do Governo, situa-se também dentro dos limites da SADC para a inflação, o que facilitará uma maior integração na região.

Observe-se agora o gráfico n.º 2.

A variação trimestral do IPCN apresentava estabilidade, próximo de 2,5%. A partir do 2.º trimestre de 2023 (crise cambial em Junho) apresenta um comportamento crescente, com uma lombada entre o 2.º Trimestre de 2023 e o 3.º Trimestre de 2024, e um crescimento da inflação trimestral de 2,5% para cerca de 5%. Desde o 3.º Trimestre de 2024, observa-se uma estabilização da inflação trimestral num patamar ligeiramente abaixo dos 5%. No 2.º Trimestre de 2025, a inflação trimestral quebra a barreira de 4%, caindo para 3,8% e estabilizando para 3,6% no 3.º Trimestre. Posteriormente, a descida acentua-se, quebrando a barreira de 3%, atingindo 2,75%, no 4.º Trimestre e 1,75% no 1.º Trimestre, parecendo querer estabilizar em cerca de 1,6% no 2.º Trimestre.

Resumidamente, a linha de tendência polinomial de grau 3 desenha uma curva côncava que se inicia em cerca de 2,5%, atinge o máximo de cerca de 7% no 1.º Trimestre de 2024 e termina em 2025 em cerca de 2,7%, aproximando-se agora dos valores do início da série. Em 2026, desce para 1,7%, abaixo dos valores iniciais, e parece querer estabilizar em 1,6% com os dados do 2.º Trimestre.

Há que dar os parabéns ao BNA pela contenção na política monetária e cambial (embora não isentas de problemas), e, por outro, saudar o reconhecimento implícito pelo Governo do enorme erro que foi a redução da importação de alimentos básicos.

A linha de regressão linear (pontilhado grosso) é agora ligeiramente decrescente, mas quase horizontal, próxima de 3,7%, demonstrando como as linhas de regressão linear têm pouca validade

para um número reduzido de observações e em situações de inflexão de tendências, como sustenta a teoria, mas é, infelizmente, ignorado frequentemente na prática.

Pensamos que o efeito na inflação da crise cambial de Junho de 2023 é reflectido de forma mais nítida na análise da tendência polinomial de grau 3 que temos privilegiado!

Contudo, observando o efeito acumulado no gráfico 3, temos que, no espaço de 3,5 anos desta legislatura, os preços em Luanda cresceram cerca de 99% (para o dobro) a um ritmo médio anual composto de cerca de 21,7%, e no total nacional cerca de 85%, a um ritmo médio anual de cerca de 19,1%!

É esta, talvez, a melhor medida das dificuldades das famílias nesta legislatura!

CAUSAS DA INFLAÇÃO EM ANGOLA

A causa determinante das variações dos preços continua a ser o fluxo de Moeda Externa (ME) para a economia, nomeadamente o proveniente dos rendimentos petrolíferos.

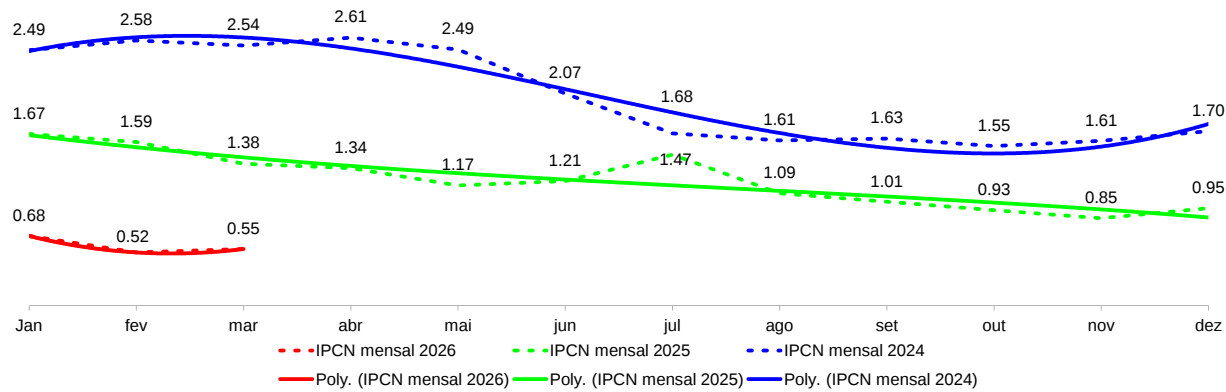
Contudo, se, até Setembro de 2023, esta influência se manifestou através da pressão sobre os preços de importação devido à desvalorização cambial, a partir dessa data foi a escassez provocada pela redução da importação de bens alimentares e medicamentos que determinou uma inflação crescente.

O sucesso do combate à inflação ficou a dever-se a 3 factores essenciais que o CINVESTEC propôs pelo menos um ano e meio antes de serem aplicados:

1. Controlo cambial por parte do BNA, fixando-se a taxa de câmbio real. O Governo optou pela fixação da taxa de câmbio nominal que pode até ter sido mais eficaz para combater a crise, mas que agora precisa de ser corrigida para a taxa real, deixando o Kwanza desvalorizar pelo menos na razão entre a taxa de inflação interna e dos principais parceiros da SADC.
2. Garantia do abastecimento dos produtos de grande consumo, que foi da responsabilidade da equipa do MECE e do MinICom. Foi o deficiente abastecimento destes produtos que constituiu a principal causa da inflação em finais de 2023 e no início de 2024, após a estabilização cambial no final de 2023.
3. Controlo monetário, apesar das iniciativas de expansão monetária do Governo, mas que o BNA soube manter a nível apenas um pouco acima do que seria aconselhável.

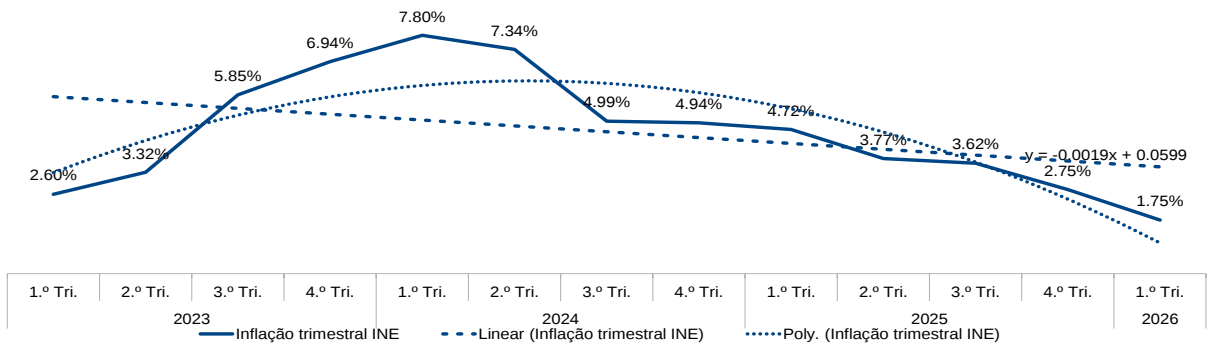
Gráficos

Tabela/Gráfico 1 — Inflação mensal nacional – INE – 2024–2026



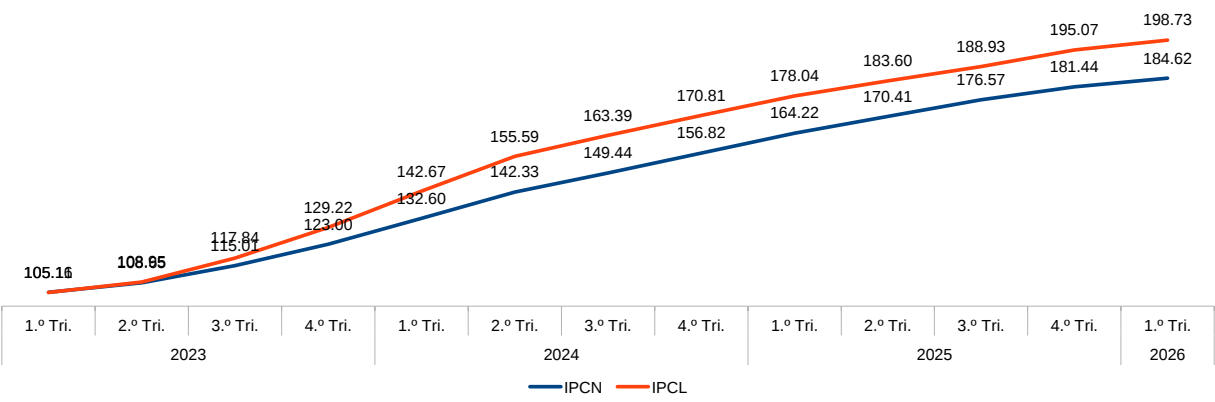
Fonte: INE.

Tabela/Gráfico 2 — Variação trimestral da inflação do INE



Fonte: INE.

Tabela/Gráfico 3 — Índices de inflação do INE de Luanda e nacional, face ao fim da legislatura anterior (Set 2022).



Fonte: INE.